

ENTREVISTA | SADY BIANCHIN

POETA, DIRETOR E SECRETÁRIO DE CULTURA E DAS UTOPIAS DE MARICÁ

'O cinema conta histórias que a sociedade quer esquecer'



Qual é o projeto cinematográfico que Maricá tem pela frente e de que maneira o festival contribui para ele?

Sady Bianchin - Maricá começou a desenhar um polo de cinema com as criações da Maricá Filmes, da Incubadora Cultural, do Cine Henfil (sala de projeção de rua totalmente gratuita), do Estúdio Público Glauber Rocha e do Festival de Cinema e Política. Agora, por iniciativa do prefeito Washington Quaquá, foi criada a Maré, uma companhia presidida por Antônio Grassi que está lançando editais para fomentar a cadeia produtiva do audiovisual. O festival tem uma enorme contribuição nesse processo, pois, além de levar grandes nomes do cinema já consagrados, coloca lado a lado novos realizadores locais talentosos. Isso permite dar uma dimensão nacional a Maricá e incentivar a qualidade da produção regional, além de promover a geração de economia criativa e a inclusão dos realizadores do município no orçamento cultural.

Quais são as apostas do evento para o fim de semana e o que podemos aguardar das homenagens a Ruy Guerra, além da presença cinéfila de medalhões como Lúcia Murat, Adélia Sampaio, Neville D'Almeida, Luiz Carlos Lacerda (o Bigode) e Walter Lima Jr.?

Aos grandes nomes do cinema brasileiro estamos oferecendo a Medalha Darcy Ribeiro, símbolo da dedicação à arte cinematográfica ao longo de suas vidas. Assim como Darcy, que pensava uma nova civilização tropical e apostava na potência das nossas matrizes étnicas, nós, da Secretaria de Cultura e das Utopias, acreditamos na arte como instrumento de transformação social, capaz de mudar a vida das pessoas.

Que vocação artística Maricá traz em sua história e como expandir essa rela-

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Gente que fala, mas faz (e bem pacas), Sady Bianchin é onipresente onde a arte tem poder analgésico e reconstrutor, participando ativamente de tudo quanto é evento do Rio de Janeiro sempre de butuca ligada no saber... na manha da escuta... na sabedoria do aprender. Ao se tornar secretário de Cultura e das Utopias de Maricá, esse multiartista passou a trabalhar (lá, aqui, nas fronteiras digitais das redes sociais e nas instâncias estéticas da criação) para fazer daquela cidade um perímetro de resistência. Parte expressiva de seu engenho se materializa na forma de um festival de curtas e longas-metragens, que começou na terça-feira e segue até domingo. É a terceira edição do Festival Cinema e Política. É mais do que um jeito de se partir de expressões fílmicas para debater o Poder. É uma estratégia de dar visibilidade tanto a mestres que merecem mais espaço e prestígio do que têm (como Lúcia Murat, Ruy Guerra, Luix Carlos Lacerda, Walter Lima Jr. e Neville D'Almeida) quanto a jovem esquadra de argonautas maricaenses da produção audiovisual. Nesta quinta, rola um debate decolonial sobre a Negação do Brasil, com Adélia Sampaio e Emílio Domingues.

Afinado com projetos inclusivos do prefeito Washington Luiz Cardoso Siqueira, mais conhecido como Washington Quaquá (PT), que redefiniu o papel de Maricá no Brasil, Sady encampou o cinema como um xodó. Neste papo ele explica que sonho não tem the end.



Divulgação

“A nossa cultura popular brasileira é o único lugar onde não somos colônia. Precisamos preservar e disputar a memória para impulsionar o desenvolvimento das gerações futuras”

ção com as artes?

Maricá, a cidade das utopias, é um laboratório de políticas públicas com investimentos no social e também na cultura, colocando a população no centro do orçamento da cidade por meio de seus programas. A ideia é preparar Maricá

para o futuro através da cultura, que é um produto infinito e tem como características as invenções democráticas, maneiras criativas e solidárias de desenvolver autonomia e cooperação no território. Maricá se transforma em um grande palco e tela de reflexões,

arte e cultura, reunindo cineastas, pesquisadores, artistas e o público em uma programação totalmente gratuita. Serão seis dias de mesas de debate, masterclasses, exposições de filmes e curtas maricaenses, além da presença de importantes nomes do cinema brasileiro.

Que recado se dá ao abrir um festival com Glauber Rocha, como vocês fez, terça passada, ao trazer “Terra Em Transe” para Maricá?

O recado que queremos passar com a homenagem a Glauber Rocha é que a nossa cultura popular brasileira é o único lugar onde não somos colônia. Precisamos preservar e disputar a memória para impulsionar o desenvolvimento das gerações futuras. O cinema conta histórias que a sociedade quer esquecer. Por isso, o Festival de Cinema e Política é um espaço de reflexão para construir uma nova visão de mundo, mais justa e igualitária, onde a dignidade seja a referência, da ideia na cabeça à prática na mão. Acreditamos que a teoria é a prática do pensamento e que a utopia é o sonho que se realiza na luta do dia a dia.